

# A cidade de Éfeso. Uma comunidade de Paulo a João: História e tradição no Novo Testamento

The city of Ephesus. A community from Paul to John:  
History and tradition in the New Testament

PEDRO PAULO ALVES DOS SANTOS\*

**Resumo:** A possibilidade da cidade de Éfeso ter sido o centro do cristianismo Joanino primitivo não será sem consequências para o ulterior desenvolvimento da pesquisa contextualizada em campo bíblico-exegético. Nos interrogamos ainda, sobre a utilidade da Escola Joanina como centro de difusão e conservação da tradição 'efesina' do Movimento Joanino, e, por isso, uma chave de formulação do Corpo literário Joanino. Sobre a presença Paulina em Éfeso não se tem mais traços. João desalojou completamente Paulo da região efesina: A presença joanina em Éfeso, depois destes testemunhos, parece não ser uma hipótese de todo absurda. Outro elemento importante é a comprovada utilização da Cristologia Joanina da Encarnação como forte arma na luta contra as heresias ao longo dos três primeiros séculos cristãos. Um aspecto importante desta problemática era a indireta demonstração das divergentes interpretações dos textos cristãos antigos, num período anterior ao cânon. Um dado que é significativo, não somente para a configuração da religião 'emergente', em si, mas também para a compreensão de sua relação com o tecido social mais amplo, onde se encontram outras formas de experiências religiosas.

**Palavras-chave:** Tradição Joanina. Éfeso. Cristianismo Antigo. Exegese do Novo Testamento.

**Abstract:** The possibility that Ephesus was the center of the primitive Johannine Christianity is not without consequences for the further development of research contextualized in biblical and exegetical field. We further question about the utility of Johannine School as a center for the dissemination and preservation of

---

\* Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Università Gregoriana (1997) e Doutor em Letras pela PUC-Rio (2006). Mestre em Exegese Bíblica pelo Pontifício Istituto Biblico di Roma (1993). Foi professor de Teologia Bíblica no Programa de Pós-Graduação do Departamento de Teologia, na PUC-Rio (1997-2003), editor brasileiro da Revista *Communio* (2002-2006); foi professor de Letras na Universidade Estácio de Sá (RJ - 2007-2013), possui mais de 20 publicações entre Exegese, História da Teologia e Estudos de Literatura. E-mail: pedosantos@gmail.com

Ephesian tradition of the Johannine Movement, and therefore a key formulation of literary Johannine Body. About Pauline presence in Ephesus there are no longer any traces. John completely dislodged Paul from Ephesian region: The Johannine presence at Ephesus, after these testimonies, does not seem to be an absurd assumption at all. Another important element is the proven use of Johannine Christology of the Incarnation as a strong weapon in the fight against heresies over the first three Christian centuries. Another important aspect of this problem was the indirect demonstration of the differing interpretations of ancient Christian texts, in a period earlier than canon. One fact that is a significant one, not only for the configuration of 'emerging' religion itself, but also for understanding its relationship with the broader social tissue, where there are other forms of religious experience

**Keywords:** Johannine Tradition. Ephesus. Early Christianity. The New Testament Exegesis.

## Introdução

Rudolf Schnackenburg ocupa-se desta cidade, mesmo diante de muitos problemas de documentação. A questão se refere à importância da Cidade hospedeira de duas tradições do Cristianismo Antigo (SCHNACKENBURG, 1991, p. 41-64). Ele utiliza a documentada presença apostólico-missionária em Éfeso, enquanto duas das maiores tradições teológico-bíblicas do Novo Testamento parecem aí se cruzar, deixando suas marcas numa rica história para a memória do Cristianismo Primitivo (BROWN, 1984). Uma pesquisa que se abre, no entanto, sob as trilhas de tantas interrogações.

Pode-se interrogar, qual foi a extensão de permanência da missão paulina e que outras correntes não foram para aí, deslocadas? Como veio a ser recebida naquele tempo, a tradição sobre João? Como foi possível, que na área central paulina de Éfeso tenha alcançado tal influência? Quando esta reversão começou? O que se pode conhecer deste desenvolvimento? (SCHNACKENBURG, 1991, p. 43)

Para a tradição da presença joanina em Éfeso, sob a égide apostólica de João, os comentários de Irineu permanecem como uma importante fonte, mesmo que, para a maioria dos exegetas que se ocupam dos aspectos históricos no campo joanino, diversas posições e 'informações' sejam consideradas, hoje, discutíveis, cientificamente.

Vários testemunhos bíblicos e extra-bíblicos da fundação e desenvolvimento comunitário virão em socorro, na busca de estabelecer claramente a relação entre a cidade e a atividade apostólica Paulina e de seus colaboradores.

Neste artigo quero expor as hipotéticas possibilidades de determinarmos em que sentido uma Cidade antiga e importante como Éfeso pode ser atestada como o lugar de agrupamento de duas tradições do Novo Testamento. Uma cidade que irá participar da passagem da ação pastoral de Paulo e da tradição pós-paulina para a definitiva instalação do universo das tradições joaninas.

Para tal utilizaremos o método histórico-literário. Alguns documentos canônicos que referem-se a Éfeso no Novo Testamento serão analisados em vista da percepção de um itinerário de Paulo a João. Dos Atos Lucanos às Cartas Joaninas e o Apocalipse, Éfeso surge como uma bússola na pesquisa de uma identidade do Cristianismo Primitivo.

## 1. A Gênese da Comunidade e da Missão de Paulo

Schnackenburg faz notar desde o princípio, que são escassas as fontes sobre o início da Comunidade em Éfeso nas Cartas de Paulo. E que, por isso esta se baseia, principalmente na descrição e caracterização de Atos dos Apóstolos (At 18,24-20, 1), no que concerne à chegada de Paulo até o seu famoso discurso de Mileto aos anciãos de Éfeso.

Pressupõe-se o ponto de vista de um narrador externo, isto é, aquele de Lucas e não do próprio Paulo. Um dado importante neste relato lucano sobre a chegada de Paulo a Éfeso, é o encontro com os doze discípulos de João e a consequente experiência batismal (At 19,1-17). Sobre a atividade de pregação de Paulo em Éfeso (At 19,10. 20) encontramos uma referência em 1Cor 16,19: “*salutant vos ecclesiae Asiae salutant vos in Domino multum Aquila et Prisca cum domestica sua ecclesia*”<sup>1</sup>, na saudação de Paulo, da parte das Comunidades da Província da Ásia. Isto demonstra, de certa maneira, que já em 54 d.C., existia um grande número de comunidades nesta região.

### 1.1 A Composição da Comunidade

A maioria dos fiéis era formada por cristãos de origem pagã-helenista. O que teria um influxo sobre as constantes e árduas disputas contra os judeus, presentes em Éfeso. Quanto ao extrato social da Comunidade, as opiniões têm se modificado.

<sup>1</sup> 1Cor 16, 19. ‘As igrejas da Ásia vos saúdam. No Senhor, muito vos saúdam Áquila e Priscila e, bem assim, a igreja que está na casa deles.’

Pensava-se no início, em um “*proletarisches Milieu*”, hoje, no entanto, tende-se a descrever os cristãos, na sua maioria, oriundos da classe média, pequenos artesãos e negociantes.

Mesmo não tendo maiores informações sobre Éfeso, pode-se, no entanto, apoiar sobre uma comparação com Corinto: “Desde que nós não temos os dados mais exatos sobre Éfeso, pode-se usar a comunidade de Corinto como termo de comparação, sobre qual nós somos mais bem informados”<sup>2</sup>. Segundo a descrição, Corinto, em comparação a Éfeso, parece possuir uma estrutura social semelhante.

Percebe-se pequena influência política e social da parte dos cristãos (1Cor 1,26-28), com certas exceções (1Cor 1,16;16,15) como podemos observar em tantos colaboradores de Paulo na evangelização (REDALIÊ, 1994). Baseados na famosa coleta (2Cor 8, 20), poder-se-ia pensar na existência de certo bem-estar e poder econômico nesta região.

Porém, não se pode eliminar ou ignorar a presença, na comunidade cristã, de todos os extratos sociais. O mais importante, no entanto, são os inúmeros sinais da existência de Comunidades Domésticas, que eram células vivas do conjunto comunitário.

Baseado nestes dados concretos da experiência eclesial paulina poder-se-á também, considerar depois, aquela oriunda da tradição Joanina<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> SCHNACKENBURG. *Ephesus*, p. 48-9, nota 29: Alguns autores importantes no campo das análises socioeconômicas de textos bíblicos, apontam a importância provinda destas análises para a compreensão da mensagem teológica do Novo Testamento. Inseridas no mundo do helenismo antigo, a Comunidade de Corinto representa um excelente quadro de mostragem do ambiente e da cultura na qual o “*Evangelho de Paulo*” se enraíza e gera a Igreja mais Primitiva. THEISSEN, G. *Soziale Schichtung in der Korinthischen Gemeiden*. In:..... *Studien zur Soziologie des Urchristentums*. WUNT 19, Tübingen, 1979, p. 231-271: “*Die soziale Zusammensetzung der korinthischen Gemeinde dürfte daher für die hellenistischen Gemeinden überhaupt charakterisieren sein.*” (espec. p. 231). DOS SANTOS, P.P.A. *O Apocalipse de Jesus Cristo. Testemunho e Espírito da Profecia. A Tradição e a Eclesialidade joaninas como Fonte e Testemunho na busca de Traços do Cristianismo Primitivo*. In: *Atualidade Teológica* 8, PUC-RIO, p. 38-59, 2001.

<sup>3</sup> Discuti em minha tese doutoral (Gregoriana, 1997) sob a orientação do Prof. Dr. Ugo Vanni sj, sobre o papel do Espírito na consciência teológica da Igreja. Sua realidade e sua missão, seja no âmbito da Presença de Jesus de Nazaré, seja por suas implicações escatológicas. Consideramos também sua pré-compreensão como Horizonte da Igreja no Mundo.

## 1.2 Direção e vida interna da Comunidade

Em At 20, 17, encontramos na expressão *‘A Mileto autem mittens Ephesum vocavit maiores natu ecclesiae’*<sup>4</sup>, que não traz, contudo, nenhuma conclusão para a questão das Lideranças no interior da Comunidade de Éfeso. Lucas teria comparado a experiência de suas comunidades, aplicando-a à realidade de Éfeso?

A hipótese de uma forma “colegial” da missão paulina, por causa do grande número de colaboradores não seria um dado indiscutível.

Sobre a vida interna da Comunidade de Éfeso, parte-se da hipótese de semelhança com a vida interna de Corinto. Assim se pode afirmar, também em Éfeso, a prática comunitária de orações e do ‘ágape’ com Eucaristia, como verificamos em At 20,7-12 e particularmente, Ap 2,4:

A celebração do domingo, com uma homilia, composta pela leitura de textos sagrados, com o partir do pão e a ceia corresponderão à tradição litúrgica da comunidade paulina. Pela qual nós experimentamos algo acerca dos detalhes sobre a vida da comunidade, que resultava na forma de amor da comunidade, como encontramos na seção das Cartas para Éfeso, Ap 2, 4, como aurora da Comunidade (SCHNACKENBURG, 1958, p. 49).

## 2 O tempo pós-Paulino: Efeitos da Missão e Teologia

O trabalho de Paulo na Província da Ásia Menor gerou discípulos de seus colaboradores, o que se evidencia através de testemunhas para além do ano 100 d.C. Isto se reflete na chamada “literatura dêutero-paulina”, isto é, que não foi escrita somente pelo Apóstolo, mas também através da teologia e do efeito de sua pregação.

Tendo em conta as diversas dificuldades, já apontadas, em utilizar a Carta aos Efésios, como um quadro “objetivo” das fontes da ação paulina e/ou de seus colaboradores, utilizam-se os paralelos literários como fontes indiretas de acesso.

É verdade que as cartas do Vidente de Patmos (Ap 2-3) serviriam de atestado, ao menos, da existência em Éfeso de uma eclesialidade atuante<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> At 20,17: *‘De Mileto, mandou chamar os presbíteros da Igreja em Éfeso’*.

<sup>5</sup> Dentre as categorias já *in moto* na pesquisa exegética contextualizada destaca-se a obra de TILBORG, S. Van. *Reading John in Ephesus*. Leuven: Brill, 1996. Nela o autor levanta a questão da pertinência em incluir os resultados da metodologia sócio-literária, utilizada em textos profanos, para a compreensão do circuito vital que gera, modifica e propõe tais construções

## 2.1 O discurso em Mileto (At 20, 17-36)

Este discurso ou ‘testamento’ de Paulo quis iluminar a situação das Comunidades da Ásia Menor com a saída dos Apóstolos e tornar-se uma instrução para os líderes, após a partida de Paulo.

O quadro geral do discurso suscita diversas questões. Sobretudo a impressão que a Igreja pós-Paulina se desenvolvia a partir de um modelo Colegial de líderes. Teria Lucas uma ideia concreta das relações internas da Comunidade de Éfeso ou isto seria uma generalização a partir de uma situação temporal vivida por ele?

Os Presbíteros de Éfeso seriam apenas representativos, mas, é exatamente ao interno, que estes tiveram um significado na estruturação da Comunidade. Talvez, Lucas visse Éfeso, como um protótipo de todas as comunidades e, por isso, faz vir a Mileto, os anciãos de Éfeso.

Uma segunda questão seria a significação da expressão ‘*lupi graves*’ (At 20, 29)<sup>6</sup> usada por Lucas, no discurso de Paulo. Quem seriam estes personagens citados simbolicamente por Paulo, que virão após sua partida? Os resultados atuais da pesquisa referem-se aos gnósticos ou às suas doutrinas.

Mas, muitas interrogações se impõem para que se entenda o sentido de “gnose”, no quadro das doutrinas do II. ° século e o contexto temporal de Paulo. Sobre o texto o Apocalipse 2, 4-6, sabe-se que se refere aos Nicolaítas, uma seita de sabor “gnóstico”, da qual temos pouca informação (DOS SANTOS, 2000).

---

textuais. Uma grande plêiade de autores têm se debruçado sobre a problemática da crítica literária moderna de textos do Novo Testamento, aliás, das novas condições para o método histórico-crítico: MALINA, B. *Social-Scientific Criticism and Literar.* In: ESLER, Ph. F(ed.). *Modelling early Christianity.* New York, 1995, p. 274-289; EHRMAN, D. B. *The Text as Window: The New Testament Manuscripts and Social History of Early Christianity in The Text of the New Testament in Contemporary Research.* In: EHRMAN AND. HOLMES (ed.). *Studies & Documents* 46, 1995, p. 361-380. Muito se pode ainda discutir sobre as novas condições operacionais da antiga ‘crítica literária’: GLOBE, A. *Some Doctrinal Variants in Mathew I and Luke 2 and the Authority of Neutral Text,* CBQ 42 (1980), p. 52-72; HEAD, P. *Christology and Textual Transmission: Reverential Alterations in the Synoptic Gospels.* NovT 35 (1993), p. 107-129-1; EHRMAN, D.B. *I John 4,3 and the Orthodoxy Corruption of Scripture.* ZNW 79 (1988), p. 221-43; \_\_\_\_\_. *The Cup, the Bread, and the Salvific Effect of Jesus Death in Luke-Acts.* SBLSP, Atlanta, 1991.

<sup>6</sup> Neo-Vulgata. Roma, 1990: ‘*ego scio quoniam intrabunt post discessionem meam lupi graves in vos non parcentes gregi.* [‘Eu sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes, que não pouparão o rebanho’]

A última questão suscitada pelo discurso de Mileto, ainda em continuidade com a anterior, insiste sobre a identidade destes ‘invasores’, que ameaçariam a unidade das Comunidades. A expressão “lobos”, a quem poderia ser atribuída no ambiente cristão de Lucas/Paulo? Outros paralelos no N.T. indicam um referencial amplo para a questão levantada por Lucas.

## 2.2 A Carta aos Efésios

A questão fundamental para o método de pesquisa sobre este possível acesso ao trabalho missionário de Paulo e suas consequências eclesiais é: Será que a Carta aos Efésios nos permite detectar, de fato, o desenvolvimento da Comunidade de Éfeso.<sup>7</sup>

O cabeçalho da carta: ‘*Paulus apostolus Christi Iesu per voluntatem Dei sanctis omnibus qui sunt Ephesi et fidelibus in Christo Iesu*’ (1,1) não é aceitável como probatória histórica, sob os pontos de vista da crítica textual e de outras razões objetivas. A melhor hipótese seria aquela de considerar Éfeso no conjunto das tantas outras comunidades da Ásia Menor. Ora, dentro deste contexto, esta carta teria um endereço exortativo para a boa condução da vida eclesial:

Uma encíclica na Província Romana da Ásia poderia funcionar como um sumário com cópias (ou talvez Original) que seriam lidas em diferentes igrejas, mas que poderia muito bem ter sido emitida primeiramente em Éfeso seu o centro, para uma comunicação por toda a Província. No tempo dos escritos efesinos poderia

<sup>7</sup> Toda a obra de Paul Ricoeur é precursora deste frutuoso diálogo entre as Ciências Bíblicas e a Teoria Literária, em particular, através do Modelo Hermenêutico. Um artigo indispensável na compreensão desta relação dialética entre texto e mundo bíblicos, desde sua problemática epistemológica à formulação e exercitação entre os Exegetas: *Qu'est-ce q'un Texte? Expliquer et Comprendre*. In: BUBNER & CRAMER & WIEHL. *Hermeneutik und Dialektik*. II, Tübingen: J.C.B. Mohr, 1970, p. 181-200. O mesmo autor acaba de ser lançado no Brasil, no exercício interdisciplinar delicado e exigente entre os saberes, com a tradução de uma obra de co-autoria sobre a Exegese e a Hermenêutica: LA COQUE, A. RICOEUR, P. *Pensando Biblicamente*. Bauru: EDUSC, 2001, que teremos ainda ocasião de apresentar aos leitores. O problema é tão agudo, a ponto de exigir um posicionamento claro da Pontifícia Comissão Bíblica.: *A Interpretação da Bíblia*. São Paulo: Paulo, 1994, p. 46: “*Aproveitando os progressos realizados em nossa época pelos estudos lingüísticos e literários, a exegese bíblica utiliza cada vez mais métodos novos na análise literária...*”. Recentemente entre as inumeráveis experimentações, uma comunicação sobre o assunto entre Exegetas africanos e europeus, confirma, de certa maneira esta irrenunciável tarefa interdisciplinar do teólogo e do exegeta. OKURE, T. *I will open my mouth in arables (Matt 13:35): An Case for a Gospel-Based Biblical Hermeneutic*. NTS 46 (2000); p. 48-60, destacamos também, a recente coletânea em homenagem Carlo Maria Martini: *La Rivelazione Attestata. La Bibbia fra Testo e Teologia*. Milano: Glossa, 1998.

haver uma rede de novas igrejas nesta cidade (SCHNACKENBURG, 1991, p. 52).

Algumas observações poderiam ser formuladas, apesar do seu caráter hipotético:

a. A conclusão (Ef 4, 11-16) permite uma visão da estrutura eclesial, como os ministérios de evangelistas, Pastores e Mestres, sem que se questionem a co-responsabilidade e os efeitos comuns da comunidade, como um todo.

b. O mesmo epílogo trata do problema da luta dos cristãos de Éfeso, contra os homens de falsa doutrina, como em Ef 6, 10-18. Isto é, as questões alusivas às práticas de fundo mágico-rituais, presentes, talvez, em formas de cristianismo 'sincrético' (KLAUCK, 2000).

c. Particularmente, a unidade dos cristãos reside no coração da carta. Daí se compreende o abismo entre judeu-cristãos e cristãos de origem pagã. Co-existe, provavelmente, uma luta entre estes dois setores, no interior das comunidades cristãs.

d. Através das referidas diferenças das comunidades deveria sobressair uma grande Cristologia da Unidade Eclesial.

e. Na Paráclise transparece uma preocupação que os cristãos pudessem se configurar ao estilo de vida pagã. (4, 17-24; 5, 6-13).

Nesta questão do ajustamento social e cultural em uma megalópole como Éfeso, não se poderia ler, então, a questão "primeiro amor" (Ap 2,4)?

Os dados até aqui apresentados não permitem, honestamente, maiores clarificações sobre a vida concreta das comunidades paulinas em Éfeso.

### 2.3 A Carta a Timóteo

As duas pseudônimas Cartas podem oferecer esclarecimentos sobre a situação em Éfeso no fim do primeiro século. 1Tim pressupõe a presença de Timóteo em Éfeso. Os dados entre 1Tm e Atos se atritam, mas o dado fundamental vem das diversas citações de colaboradores de Paulo, na evangelização da Ásia Menor.

O quadro teológico nas epístolas a Timóteo, segundo J. Roloff (1988) indica, através de diversos elementos, sua pertença direta ao círculo da escola Paulina. E, em relação à carta aos Efésios, exprimem em várias passagens, como um espelho, as diferenças abissais que por sua vez, refletem muito bem a crise do paulinismo na Ásia.



Schnackenburg julga, ao contrário, que a Carta aos Efésios se encontre em nova situação. As doutrinas se expandem. O ministério eclesial vem saldado na luta contra as falsas doutrinas, através dos Pastores, que se baseiam na tradição paulina, erigindo assim a Igreja, como Corpo de Cristo, através da coesão dos ‘Episcopos’ e ‘Diáconos’.

Se as Cartas pastorais nos apresentam um quadro da Igreja, no fim do 1º séc. cristão, então, se poderia pensar concretamente, no desenvolvimento das comunidades de teologia paulina em meio às crises das falsas doutrinas, ancoradas sob a autoridade de Paulo, evocada pelo autor das Cartas:

Quando se pode situar as cartas pastorais no fim do 1º século, o desenvolvimento de uma parte deste conjunto pode funcionar. A comunidade está em crise por causa dos mestres pagãos, como aponta o autor à autoridade do Paulo (SCHNACKENBURG, 1991, p. 54).

## 2.4 A Carta de Inácio de Antioquia a Éfeso

Através dos escritos do Bispo Inácio de Antioquia, temos uma carta original a Éfeso diante de nós, escrita, quando transportado como prisioneiro ao martírio. Apesar de todas as indicações sobre a Estrutura Eclesial em Éfeso, evocada nesta carta pelo Bispo Inácio, permanecem muitas interrogações sobre o valor histórico destes dados. Inácio confirma através de sua carta, certa atmosfera de dificuldade com as falsas doutrinas. Também em direção de Éfeso vieram perigosos pregadores ambulantes. Esta situação oferece um quadro semelhante àquele das Cartas à Igreja de Éfeso, no Apocalipse em relação aos falsos profetas (Ap 2,2) e aos Nicolaítas (Ap 2,6). A proximidade entre a carta de Inácio aos Efésios e Paulo é tangível:

Inácio, que não conheceu Paulo, mostra acima pelas Cartas de Paulo, que tem familiaridade com o Apóstolo, mesmo se é errôneo supor, que Paulo pensava em Éfeso em cada letra da carta (SCHNACKENBURG, 1991, p. 55).

Mas qual teria sido a base mesma de relação entre Paulo e Inácio? Teria sido o conhecimento da teologia paulina através da leitura das Cartas paulinas o motor de Inácio, ou o conhecimento concreto de suas comunidades na Ásia Menor?

No entanto R. Schnackenburg se interroga também, sobre a relação possível de Inácio com a teologia e a tradição joaninas: “Mas se deve interrogar se Inácio não tinha também algo a haver com a tradição joanina, ou se ele tinha qualquer relação com a teologia de João” (SCHNACKENBURG, 1991, p. 56).

Os dados sobre a relação entre Inácio e a tradição/teologia joaninas são muito pouco precisos. Por causa do conhecimento de Policarpo poder-se-ia, ao menos, especular uma forma qualquer de relação: “Na primeira metade do 2º século tem ele mesmo, talvez com Inácio, certamente com Policarpo, a tradição Paulina e joanina, relacionado um com o outro” (SCHNACKENBURG, 1991, p. 56).

### 3 A Ascensão da Tradição Joanina

Schnackenburg busca os traços deixados pela tradição joanina, sobre o desenvolvimento de uma parte significativa da história da Tradição do Novo Testamento, aquela desenvolvida, provavelmente em Éfeso, de Paulo a João (GEORGE, A. e GRELOT, P. 1981; DOS SANTOS, 2005).

#### 3.1 As Mensagens do Apocalipse de João

Parece indiscutível, que o exilado profeta na ilha de Patmos, por causa de sua experiência de profeta itinerante, tenha sido em torno do ano 80 d.C, uma presença em Éfeso, como em outras cidades (RAMSAY, 1963).

Por causa da Carta escrita à Igreja de Éfeso, no círculo das sete Comunidades asiáticas levanta-se a questão da relação entre a tradição paulina e aquela joanina:

Através destas Cartas à proeminente de igreja de Éfeso no circuito de sete comunidades da Ásia Menor levanta-se a pergunta, se o Vidente está vinculado à tradição paulina ou a tradição do joanina (SCHNACKENBURG, 1991, p. 57).

Geralmente, se pensa que Ap 2, 1-7 não tenha a mesma referência a Paulo e à tradição Paulina. Exceção feita, por exemplo a E. Schlüsser Fiorenza (1977 e 1980) para quem a estrutura é muito semelhante à paulina e pós-paulina tradição.

Em sentido contrário, O. Böcher (1980 e 1981) e outros autores (VANNI, 1979) vêem cada vez mais no Apocalipse uma estreita relação com o Evangelho de João, baseado fortemente na tradição joanina comum.

Através de três expressões (Ap 2,2) se desenvolve um discernimento da teologia na tradição joanina, presente no texto em relação à hipótese de uma influência Paulina: *‘scio opera tua et laborem et patientiam tuam*<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> Apoc 2,2: Vulg. Latina, *‘Conheço tua obras, tua fadiga e tua perseverança’*

O termo *'ópera'* indica uma fórmula geral para os esforços em relação à fé e aos costumes (Ap 2, 19,26; 3,8; 14,13; 22,12) estas 'obras' tornam-se explícitas através da fadiga e da perseverança.

O termo *'laborem'* dificilmente teria um sentido Paulino. Exprime um esforço missionário e uma intensa dedicação pela comunidade, assim indicaria o contexto (2, 2b), isto é, a não-aceitação dos maus e a aprovação dos falsos apóstolos.

O termo *'patientiam'*, significa a atitude de quem acolhe as dificuldades por causa do Nome de Jesus. Tudo indicaria que não são elementos próprios à tradição paulina.

A mensagem à Igreja de Éfeso apresenta ainda diversos outros aspectos, que vimos na documentação sobre a atividade missionária de Paulo, no que concerne à crise interna e à luta contra as falsas doutrinas e respectivos mestres.

A questão da perda do 1º amor (Ap 2, 4: *'sed habeo adversus te quod caritatem tuam primam reliquisti'*) pode ser interpretada como um declínio de amor intenso à vida da Igreja?

Quanto à negação dos "falsos Apóstolos" e a conduta dos Nicolaítas teríamos, talvez, um mesmo ambiente, que se relacionaria profundamente com aquele dos "dissidentes" nas Cartas joaninas. Porém a questão supõe ainda tantas outras interrogações, que não permitem uma colocação segura, pois na Ásia Menor, de então, coexistiam uma diversidade de seitas<sup>9</sup>.

### 3.2 As Cartas de João

As Cartas joaninas por causa do forte acento polêmico, que nelas podemos constatar, seriam também testemunhos da presença joanina em Éfeso?

O ponto nevrálgico destas observações constitui-se na possibilidade ou não, de se afirmar que Éfeso é a origem do Cristianismo joanino como também destes hereges e falsos profetas.

A maioria dos autores, hoje se inclina na direção da Transjordânia, como pátria para a Comunidade de João, talvez na Região do Rei Agripa II.

Muitas são as hipóteses sobre a diversidade de influências do ambiente

<sup>9</sup> Apesar de E. S. Fiorenza ter razão em afirmar que no fim do primeiro século cristão, diferentes escolas e círculos coexistiam e se subdividiam na Ásia, tem mais razão, a nosso ver, a perspectiva apresentada por SCHNACKENBURG, *Ephesus*, p. 58: "Eu penso que a "linha tradição do joanina" seja, obstante tudo, mais forte do que a Paulina... Com a seção da cartas pela primeira vez temos a recepção de uma tradição oral em vista".

social das comunidades joaninas: Quando não se localiza mais a Carta Joanina no leste do Jordão mas separada, supõe então, que pelo menos uma porção da Comunidade afastou-se da Ásia Menor.

As Cartas, porém não deixam traços evidentes, que fundamentem “objetivamente” estas questões. Contudo, o sofrimento dos fiéis por causa do abandono de uma grande parte da Comunidade e a forte Propaganda dos dissidentes seria, ao menos, na sua maior parte, esclarecida pela hipotética localização na Transjordânia até o “cisma” e conseqüente migração para a Ásia Menor.

Sobre a localização das Cartas de João em Éfeso são significativas as seguintes questões:

1. Éfeso é um campo suscetível de movimentos ‘gnósticos’, como demonstra as Cartas a Éfeso, Pérgamo e Tiatira.

2. Também a Carta de Inácio testemunha a invasão de seitas em Éfeso (6,2; 7,1; 9,1). Estes, porém, não deveriam ser identificadas com aqueles dissidentes das Cartas, não seria possível afirmá-lo neste período.

3. A partir de antigas notícias eclesiais muitos pesquisadores consideram verdadeira a existência de um ‘front’ dos dissidentes contra a heresia de Cerinto. Porém, segundo R. E. Brown (1979) sobre estas notícias pesariam ainda várias interrogações.

Surge assim a questão: quando o cristianismo joanino colocou os pés em Éfeso? E como pôde estabelecer-se tão próximo ao rico influxo paulino em Éfeso? Isto seria explicável a partir da ideia de grande cidade, onde podem coexistir, numa mesma extensão territorial, diversos grupos sociais, sem um maior campo de contato recíproco.

Desta hipotética reconstrução surgiriam luzes para a presença do Cristianismo joanino em Éfeso. Este cristianismo estaria organizado em diversas pequenas *comunidades domésticas*, relacionadas entre si por um círculo de amizade. Isto viria expresso na 3 Carta de João.

A formação do cristianismo joanino, em campo territorial efesino poderia ser entendida como um conjunto de comunidades domésticas em volta da influência do ‘Presbítero’?<sup>10</sup>

A hipótese, sobre uma possível forma de organização do círculo joanino em Éfeso, relaciona o conjunto das diversas e pequenas comunidades a um

<sup>10</sup> Segundo muitos autores a influência do Presbítero sobre a Comunidade joanina deveria ser muito grande. Assim, se compreendem os conflitos gerados pela tática de rejeição dos missionários ambulantes apoiados e enviados pelo Presbítero, por parte de Diotrefes. Cf. 3 Jo 1, 9-11.

epicentro de difusão e desenvolvimento da doutrina e do estilo de vida ‘joanino’ do movimento como um todo. Naturalmente, não se pode afirmar com segurança se teria existido tal organização ‘joanina’ em Éfeso, mas esta é uma solução viável. Porém, não se pode supor para além dos aspectos “logísticos” da questão a relação desta tradição Joanina com as Comunidades Paulinas. Isto é, que poderiam ter convivido em um amplo território, sem maiores contatos recíprocos.

Uma última questão seria a da integração das Comunidades joaninas à grande Igreja. A problemática recebe sua comprovação, sobretudo, através do texto de Jo 21, um trabalho redacional da escola e do uso futuro da doutrina ‘joanina’ no desenvolvimento do dogma:

Não se sabe em que tempo as comunidades Joaninas foram integradas à Grande Igreja, isto poderia se visto através de traços comunitários internos nas Cartas de João, Jo 21, 15-23, um estrato redacional anterior à sua redação final ensina que existe uma integração entre “o discípulo que Jesus amava”, condutor da comunidade de Joanina e a Grande Igreja representada por Pedro, através da qual ele se integra (SCHNACKENBURG, 1991, p. 61)

### 3.3 Testemunhos de uma tradição-linear joanina no 2º séc.

Tudo indica que Irineu, baseado nas palavras de Papias (Eusébio, H.eccl. III, 39,3s) teria invertido a expressão “Apóstolo”, por aquela que se encontra em Papias, isto é, que Policarpo teria conhecido o “Presbítero”. Mas, se Policarpo teria conversado com o Presbítero e não com o Apóstolo, isto mostraria claramente, que ele estava em contato vivo com tradição joanina.<sup>11</sup>

Se de fato, através da carta aos Felipenses (2Phil 3, 2; 9, 1; 11, 2s), se pode prever a relação entre Policarpo e a tradição Paulina, poder-se-ia hipotetizar em Éfeso, um contato entre a tradição paulina e aquela joanina.

O mesmo se pode afirmar para Irineu de Lião (bispo – 177/8), que se refere frequentemente a Paulo, que por sua vez se origina na tradição apostólica de Pedro e Paulo. (Adv. Haer. III, 3, 1). Por outro lado, ele se baseia sobre a tradição joanina.

Ele afirma que, João, o discípulo do Senhor, editou o evangelho, quando estava em Éfeso. (Adv. Haer. III, 1, 1) A autoridade da Comunidade de Éfeso baseava-se concretamente, no fato que afirma que esta opinião de Irineu seria inverossímil.

<sup>11</sup> SCHNACKENBURG, 1991, p. 61: “Irineu cita, neste caso, a forma conhecida das 1ª e 2ª Cartas e não do Evangelho.”

Apesar dos problemas acerca da tradição sobre “João”, Irineu deve permanecer como testemunha da existência da tradição, que afirma a instalação do Cristianismo Joanino em Éfeso. No contexto da luta de Irineu contra o gnosticismo no 2º séc., o uso da teologia da tradição joanina será de preponderante importância.

No ataque contra Cerinto e Marciano, Irineu utilizou o prólogo do Evangelho de João (III, 11, 1-3) e foi esta teologia da Encarnação de Cristo, seu forte bastião contra a heresia gnóstica<sup>12</sup>.

Uma prova da relação do Apóstolo João com Éfeso é oriunda da carta do Bispo Polícrates de Éfeso, escrita ao Papa Vitor I em 190 d.C. Tratava-se da discussão da festa de Páscoa.

Esta polêmica referia-se à fundamentação da prática do jejum quaresmal. Felipe em Hierópolis afirma que *João*, que se debruçou no peito do Senhor, que porta o sinal do peito, Testemunha do Senhor, foi enterrado em Éfeso. Clemente de Alexandria (†a. 250 d. C.) também está envolvido com esta tradição.

Através de Eusébio, sabemos que ele teria afirmado que João, inspirado pelo Espírito Santo, teria se estabelecido em Éfeso e, ali, escrito seu Evangelho espiritual.

Em outro lugar, escreve Clemente, que o Apóstolo, após a morte do tirano (Domiciano), foi para a ilha de Patmos, viajou por vários lugares, onde instituiu Bispos e unificou todas as comunidades. Sobre estas afirmações dos Padres, acerca da presença de João em Éfeso, as bases são aquelas dos ditos de apócrifos e lendas<sup>13</sup> que circulavam nos tempos dos autores citados acima, e que as tornaram, através de Eusébio, um dado de referência para a pesquisa da história do problema.

Em relação à presença Paulina em Éfeso não se tem mais traços. João desalojou completamente Paulo da região efesina: “*Éfeso transformou-se* agora, de fato e absolutamente a cidade do João” (SCHNACKENBURG, 1991, p. 62).

## Conclusão

A presença joanina em Éfeso, depois destes testemunhos, parece não ser uma hipótese de todo absurda. Outro elemento importante é a comprovada

<sup>12</sup> Isto nos levaria a concluir a favor da existência de uma tradição viva no campo joanino.

<sup>13</sup> É indiscutível a importância da pesquisa historiográfica cristã atual sobre a formação do pensamento historiográfico antigo e suas dependências materiais das fontes da hagiografia e dos textos bíblicos e apócrifos, que circulavam na primeira hora do Cristianismo na categoria de ‘fontes’ escritas do pensamento cristão após o edito de Constantino, no século IV d.C. Sobre isto é uma referência a Coletânea de Estudos do Augustianum de Roma: *Comunicazione e ricezione del documento cristiano in epoca tardoantica*. XXXII Incontro di Studiosi dell’Antichità Cristiana, 2004, Roma.

utilização da Cristologia Joanina da Encarnação, como forte arma na luta contra as heresias ao longo dos três primeiros séculos cristãos.

A possibilidade da cidade de Éfeso ter sido o centro do cristianismo Joanino primitivo, não será sem consequências para o ulterior desenvolvimento da pesquisa contextualizada em campo bíblico-exegético. E, nos interrogamos ainda, sobre a utilidade da *Escola Joanina*, como centro de difusão e conservação da tradição 'efesina' do Movimento Joanino, e, por isso, uma chave de formulação do Corpo literário Joanino.

Outro aspecto importante desta problemática era a indireta demonstração das divergentes interpretações dos textos cristãos antigos num período anterior ao cânon. Um dado que é significativo, não somente para a configuração da religião 'emergente', em si, mas também para a compreensão de sua relação com o tecido social mais amplo, onde se encontravam outras formas de experiências religiosas.

## Referências

- BECKER, J. *Paulus. Der Apostel der Völker*. Tübingen. 1989.
- BÖCHER, O. *Das Verhältnis der Apokalypse des Johannes zum Evangelium des Johannes*. In: LAMBRECHT, J. (Ed.) *L'Apocalypse johannique et l'Apocalyptique dans le Nouveau Testament*. Leiden, 1989, p. 289-301.
- \_\_\_\_\_. *Johanneisches in der Apokalypse des Johannes*. NTS, 27, p. 310-321, 1981.
- BROWN, R. *The Community of the Beloved Disciple*. London, 1979, p. 25-91.
- \_\_\_\_\_. *The Churches the Apostles left behind*. New York: Ramsey, 1984.
- DOS SANTOS, P.P.A. *A Profecia Cristã no Novo Testamento: Uma Tentativa de Reconstrução do Fenômeno da Profecia cristã no Cristianismo Primitivo*. In: *Atualidade Teológica*, 6/7, PUC-RIO de Janeiro, p. 71-101, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Verdade e Espírito no âmbito da Teologia do Novo Testamento*. *Communio*, 83, Rio de Janeiro, p. 137-199; 2000.
- \_\_\_\_\_. *O Apocalipse de Jesus Cristo. Testemunho e Espírito da Profecia. A Tradição e a Ecclesialidade joaninas como Fonte e Testemunho na busca de Traços do Cristianismo Primitivo*. In: *Atualidade Teológica*, 8, PUC-RIO, p. 38-59, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O Espírito e a Mensagem do Apocalipse: Aspectos da Pneumatologia do Apocalipse de São João*, *Atualidade Teológica*, 9, PUC-RIO, p. 205-220, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Algumas Questões sobre as relações entre o âmbito do Cristianismo Primitivo e o surgimento de uma Consciência Histórico: História Social da Literatura Canônica como Parádosis*. In: *Atualidade Teológica*, 11, PUC-RIO, p. 259-282, 2002.
- \_\_\_\_\_. *João Batista e Martin Luther King: Profetas de um Mundo Novo*. In: YUNES, E. e BINGMER, M. C. (org.). *Profetas e Profecias. Numa Visão Multidisciplinar e*

- Contemporânea*. Rio de Janeiro: Loyola/PUC-RIO, 2002, p. 93-108.
- \_\_\_\_\_. *Jo 14, 15-17: As Promessas do Espírito da Verdade. Exegese e Hermenêutica na Tradição Teológica do Quarto Evangelho. Um exercício teológico-literário*. *Communio*, 22/2-3. Rio de Janeiro, p. 519-551, 2005.
- DUNCAN, G.S. *St. Paul's Ephesian Ministry*. London: T&Clark, 1929.
- GEORGE, A. e GRELOT, P. *La Tradizione Giovannea - Introduzione al Nuovo Testamento*. Roma: Borla, 1981.
- KLAUCK, H-J. *The Religious Context of Early Christianity. A Guide to Graeco-Roman Religio*. Edinburg: T & T Clark, 2000.
- MARTYN, J. L. *History and Theology in the Fourth Gospel*. New York, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Glimpses in the History of the Johannine Community*. In: DE JONGE (ed.) *L'Évangile de Jean, Sources, Rédaction et Théologie*. Gembloux : EThL 44, 1977, p. 149-175.
- MEEKS, W.A. *The First Urban Christians*, London, 1983, p. 53-73.
- MEINARDUS, O.F.A. *St. Paul in Ephesus and the cities of Galatia and Cyprus*. New York: New Rochell, 1979, p. 58-67.
- RAMSAY, W.M. *The Letters to Seven Churches of Asia*. Michigan: Grands Rapids, 1963.
- REDALIÉ, Y. *Paul après Paul, Le temps, le salut, la morale selon les épîtres à Timothée et à Tite*. Genève: Labor et Fides, 1994.
- ROBBINS, V.K. *Social-Scientific Criticism and Literary*. In: PH. F. ESLER(ed). *Modelling Early Christianity*, New York, 1995, p. 274-289.
- ROLOFF, J. *Der erst Brief an Timotheus*. Zürich-Neukirchen: EKK 15, 1988.
- SCHILLE, G. *Die urchristliche Kollegialmission*. Zürich-Stuttgart: AthANT 48, 1967.
- SCHLÜSSER FIORENZA, E. *The Question for The Johannine School. The Apokalypse and the Fourth Gospel*. NTS, 23, 1977, p. 402-427.
- \_\_\_\_\_. *Apokalypse and Propheteia. The Book of Revelation in the Context of Early Christian Prophecy*. In: LAMBRECHT, J. (Hsg.). *L'Apocalypse et l'Apocalyptic dans le Nouveau Testament*. Gembloux-Löwen : BEThl 53, 1980, p. 105-128.
- SCHNACKENBURG, R. *Das vierte Evangelium und die johannesjünger*. In: HJ 77, p. 21-38, 1958.
- \_\_\_\_\_. *Ephesus: Entwicklung einer Gemeinde von Paulus zu Johannes*. Göttingen: BZ NF, 35, p. 41-64, 1991.
- THEISSEN, G. *Social Reality and the Early Christians: Theology, Ethics and the World of the New Testament*. Edinburg, 1992.
- TILBORG, S. Van. *Reading John in Ephesus*. Leuven: Brill, 1996.
- VANNI, U. *L'État de la Questio*. In: LAMBRECHT, J. (Ed.). *L'Apocalypse johannine et l'Apocalyptic dans le Nouveau Testament*, Gembloux-Löwen : BEThl 53, 1980, p. 7-39.
- \_\_\_\_\_. *Tempo ed Eternità nell'Apocalissi: Traccia per una Riflessioni Teológico Bíblica*. In: CASALEGNO, A. (org.). *Tempo e Eternità. In Dialogo con Ugo Vanni S.I.* Milano: San Paolo, 2002, p. 25-72, espec. *Tempo ed Eternità in rapporto com lo Spirito*, p. 69, nota 60.